

Aquejado de aperturas familiares, enfermo con frecuencia, pasa las noches devorando libros y oyendo música.” Ése es el hombre sobre cuya obra se han escrito miles y miles de páginas. Algunas admirables; otras, no tanto. El hombre al que su obra, no la crítica, ha llevado a la inmortalidad como el máximo exponente de la literatura latinoamericana moderna.

El libro de Federico Campbell es uno de los más completos en el intento de reunir la crítica representativa sobre la obra de Rulfo. En palabras del propio Campbell, sería imposible recopilar todo lo que se ha escrito sobre el autor de *El Llano en llamas*. Por ello, el volumen constituye una pequeña muestra de la gran alfombra, un pequeño recuadro del mosaico que fue y sigue siendo en las letras latinoamericanas Juan Rulfo.

Esta antología, cuidadosamente seleccionada, es material imprescindible, tanto para el estudiante que se acerca por vez primera a la narrativa rulfiana, como para el maestro especializado que quiera poseer en un mismo libro los ensayos ya clásicos y los más recientes.

Sonia Peña

UNAM

Juan Rulfo. Tradução de Eric Nepomuceno. *Pedro Páramo e Chão em Chamas*, Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004, 398 pp.

A partir de junho do corrente ano os amantes da literatura hispano-americana em português têm mais uma tradu-

ção da obra de Juan Rulfo. É a realizada por Eric Nepomuceno e publicada pela Editora Record. A nova tradução irá competir com a precedente de 1977, efetuada por Eliane Zaguri e lançada pela Editora Paz e Terra.

O novo tradutor de Rulfo exhibe como credenciais a tradução ao português de *El gallo de oro* (*O Galo de ouro*, Civilização Brasileira, 1999), do próprio Rulfo, e a dos livros de Eduardo Galeano, dentre outros. Exilado no México a partir de 1964, entrou ali em contato com os escritores mexicanos, inclusive com Juan Rulfo, e colaborou com publicações em periódicos do país. Teve, por tanto, a oportunidade de vivenciar a língua e compenetrar-se com a literatura mexicana, e latino-americana em geral. Em posse dessa bagagem, EN não se limita à tradução de *Pedro Páramo* e de *El llano em llamas*. O volume, que na versão portuguesa inclui as duas obras, inicia com um prefácio de dez páginas: “Anotações sobre um gigante silencioso”, com valiosa informação sobre Rulfo e sua narrativa, oportuno “pré-aquecimento” para a leitura da obra. Segue um escrito menor, de duas páginas e meia, “Nota do tradutor”. A preocupação constante de Rulfo com a lapidação e polimento de seus escritos exige um esforço semelhante do tradutor, sob pena de não dar conta do empreendimento.

Abordando agora a novíssima tradução, cabe indagar sobre os motivos do seu aparecimento a menos de três décadas da precedente. Antes de adentrar o texto, reparemos na apresentação, no “paratexto”. A edição da Paz e Terra concentra em um volume de 212 páginas ambos *Pedro Páramo* e *El Llano em llamas*. A simplicidade do formato e da impressão visa decerto à redução dos custos; isso, porém, reduz o apelo da obra traduzida, tornando pouco provável “o amor à pri-

meira vista”. Já a publicação da Record cuidou mais da editoração. O atrativo volume de 398 páginas convida o leitor em potencial a folheá-lo. O passo seguinte, a leitura, é quase inevitável.

Quanto à tradução, começando pelo título, há uma importante inovação. O do romance, sendo nome próprio, fica igual; o volume dos contos, no entanto, passou de *O Planalto em chamás* (Paz e Terra), para *Chão em Chamás* (Record). Curiosamente, foi esse o título sugerido por uma estudante brasileira de Pós-Graduação, Marilena M. de Oliveira, da UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México), no

curso ministrado pelo Professor Sergio López Mena, no segundo semestre de 2000. Segundo a acadêmica, a tradução de E. Zaguri passa ao leitor brasileiro a impressão de que o “O Palácio do Planalto”, sede do Governo em Brasília, está queimando. “*O Planalto em chamás* puede sugerir algo así como *El Palácio de Gobierno en llamas*” (cf. *Como traducir a Juan Rulfo*, López Mena, S., (Coord.), México, Práxis, 2000, p. 27).

A mudança de título estende-se também à maior parte dos contos. Vejamos no quadro a seguir:

Tradução de 1977

Eles deram a terra pra nós,
A encosta das comadres,
É porque somos muito pobres,
De madrugada,
O Planalto em chamás,
Diga a eles que não me matem,
A noite em que deixaram ele sozinho,
Você se lembra,
Não está ouvindo os cachorros latirem?

Tradução de 2004

E nos deram a terra,
A Colina das Comadres,
É que somos muito pobres,
Na madrugada,
Chão em chamás,
Diga que não me matem,
A noite em que o deixaram sozinho,
Lembre-se,
Você não escuta os cães latirem.

Por razões óbvias os contos como *Lovina*, *Talpa*, *Anacleto Morones*, etc., mantêm o mesmo título. No entanto, o número e o teor das alterações ocorridas nos títulos dos nove contos supracitados antecipam algumas das mudanças intratextuais com que nos depararemos, tanto nos contos quanto no romance. O novo tradutor de Rulfo conta, em primeiro lugar, com a facilidade decorrente da semelhança entre as línguas fonte e alvo. Além disso, tem a seu dispor a tradução ou traduções anterior(es). Que uso é feito dessa dupla vantagem? Nas primeiras linhas de *Pedro Páramo* há coincidência entre as duas traduções: *Vine a Comala* - “Vim a Comala...”. A seguir, o mesmo personagem explica o motivo da viagem. Reparemos nas traduções da expressão em destaque:

Mi madre me lo dijo. Y yo le prometí que vendría a verlo en cuanto ella muriera.

Minha mãe que disse. E eu prometi que viria vê-lo **quando** ela morresse (EZ)

Minha mãe me disse. E eu prometi que viria vê-lo **assim que** ela morresse (EN).

O *en cuanto* do original expressa o cumprimento imediato do desejo materno, sem lugar para delongas. É isso que aparece na segunda tradução, mas não na primeira que lança mão do genérico *quando*.

A amostra será ampliada com mais algumas expressões típicas da narrativa rulfiana e em cuja tradução nem sempre há consenso entre as duas tradu-

ções. O simples cotejo mostrará qual delas considero correta, ou, adequada.

Ahi se/te lo haiga

Encontramos esta expressão nas primeiras páginas de *Pedro Páramo*. O tropeiro, guia de Juan Preciado, ao se aproximar de Comala, convida-o para ir até sua casa, a não ser que o viajante prefira ficar em Comala. Cabe a ele escolher: *ahi se lo haiga*. A tradução de Zaguri reduz a expressão a um simples *fique se quiser ficar aqui, fique*. Nepomuceno prefere: *... que assim seja*. Ambos transmitem a idéia, mas não o sabor da expressão “errada”, ou seja, popular, do original. A mesma expressão, em *A Colina das Comadres* é traduzida como “azar é seu” (EZ) e “ai de ti” (EN). Em ambos os casos se extrapola do original, que insinua uma aparente neutralidade. O contexto de violência que permeia a história pode ter induzido à conotação de ameaça adotada pelas traduções.

Lo que sea de cada quien

A expressão vem a confirmar algo que acaba de ser afirmado, pleonasmia recorrente na linguagem coloquial.

- a) Toribio Alderete, em conversa com Fulgor Sedano, capataz de Páramo, admite, em tom irônico, a sua preocupação a respeito das reivindicações do patrão: “porque me tenía usted preocupado, *lo que sea de cada quien*”.
- b) Em outra ocasião, o próprio Sedano, ao olhar as fitas pretas na porta da casa grande, indicando luto pela morte de Miguel Páramo, diz como que pensando em voz alta: “se ven bonitos esos moños, *lo que sea de cada quien*”.
- c) Um terceiro exemplo está no conto *A herança de Matilde Arcángel*. Referindo-se à moça, subitamente convertida em mulher deslumbran-

te, o narrador conta: “se puso bonita la muchacha, *lo que sea de cada quien*”.

No primeiro exemplo, a tradução de EZ é: *quanto ao que era de cada um*; a de EN: *verdade seja dita*. É a segunda tradução que transmite a idéia do original, ao passo que a primeira lhe atribui uma carga semântica que não possui. Já em b) os termos se invertem: *é preciso reconhecer* vs *cada qual com o seu*. Em c) apesar da formulação diferente, ambas transmitem a idéia do original: *... não há como negar* (EZ) *... a cada um sua justiça seja feita* (EN); porém, a tradução de Zaguri apresenta a vantagem da concisão.

Nesta simples amostra pode-se constatar o progresso da segunda tradução em relação à primeira. Mas a superação não é onímoda, como mostra a análise de algumas expressões-chave. Na primeira parte do romance narra-se a reação de Dolores Preciado ao saber que Pedro Páramo pede a sua mão. Após agradecer a Deus pelo presente, acrescenta: “*aunque después me aborrezca*”. EZ traduziu: “mesmo que depois eu me aborreça”. A tradução de EN, ainda que diferente na forma, mantém o mesmo enfoque: “mesmo que depois eu odeie”. No original o “me” não é reflexivo e sim complemento objeto. Dolores se alvoroça ao receber a notícia, mas fica com um pé atrás: a escolha de Páramo, em matéria de mulheres, não é para toda a vida. As juras de amor transmitidas por Sedano em nome do seu patrão não demorarão a ser substituídas pela afirmação do próprio Páramo: *ya me tenía enfadado*. Por tanto, quem se aborrece ou odeia, é Páramo, sendo Dolores a “aborrecida” e não a “aborrecedora” como sugerem a traduções.

Em uma outra passagem que envolve também o reflexivo, as traduções diferem. Cuca (apelido de Refugio), mu-

lher de Abundio, adoeceu. Ele fez tudo o que estava ao seu alcance, inclusive vender os burros: “Hasta eso vendí porque *se me aliviara*”. Comparemos as traduções:

“Até isso eu vendi para *me aliviar*”
(EZ) “Até isso eu vendi para que *se aliviasse*”(EN).

O sentido muda de acordo com o clítico escolhido. Obviamente, quem estava doente e, por tanto, necessitava *alivi-*

ar se era a Cuca. É esse o sentido transmitido pela tradução de Nepomuceno. Já a de Zaguri, de duas uma: ou faz supor que o doente é Abundio, ou que os burros são um fardo do qual deseja liberar-se.

Enfoquemos agora alguns dentre os numerosos itens lexicais típicos da prosa rulfiana e em cuja tradução não há coincidência. O simples cotejo indicará que uma das traduções se afasta, em maior ou menor grau, do original.

Original	Tradução 1997	Tradução 2004
a) zopilote	brisa	urubu,
b) culebra de agua	cobra d'água	tromba d'água,
c) madres	freiras	mães,
d) rebozo	mantilha	chale,
e) chula(o)	chula(o)	graciosa(o),
f) guango	cacho de bananas	facão.

Ante diferenças tão gritantes é inevitável se perguntar o porquê das mesmas. Em casos como *chula*, *madres*, e *culebras de agua* a teoria dos falsos cognatos explica, embora não justifique a fé cega na semelhança entre as duas línguas. Quanto às unidades restantes cabe perguntar o que tem a ver *zopilote* com “brisa”, *madres* com “freiras” e *guango* com “cacho de bananas”? Aqui a resposta sugere a confiança absoluta nos dicionários, acreditando que eles podem substituir a vivência da língua, também a da língua de partida. Só isso pode explicar, por exemplo, a tradução de *guango* como “cacho de bananas”, desconsiderando o contexto e até o bom senso. Sendo *guango* uma espécie de foice, passível de ser utilizado para agredir, a tradução de Nepomuceno é a mais adequada, aliás, a correta, acontecendo o mesmo com os outros itens da lista.

Voltemos agora à atenção para a tradução de nomes, sobrenomes e apelidos. Estes últimos, poucos no romance, são abundantes nos contos, prin-

cipalmente num deles: *El Llano en Llamas*. Cabe salientar o uso freqüente de apelidos na linguagem familiar do México, alguns de caráter amistoso, outros ofensivos. Com freqüência eles têm a ver com alguma característica ou malformação da pessoa. Dorotea, personagem de *Pedro Páramo*, é fisicamente deforme, daí o apelido de *Cuarraca* (itálico no original), que significa desengonçada. Zaguri traduziu como “Matraca”, mantendo o caráter de apelido. Já Nepomuceno preferiu “Perneta”, elevando-o à categoria de sobrenome. Pode-se observar, via de regra, que a tradução da Paz e Terra mantém os apelidos, grifando-os. O tradutor da Record prefere traduzi-los, ainda que nem todos. *Tilcuate*, espécie de cobra, é traduzido como “Zucuri”, *La Perra*, como “A Cachorra”, *El Pichón* como “O Filhote”. No entanto, *Zanate* fica tal qual, talvez porque o tradutor ignora que “zanate” é um pássaro preto da região, de aspecto nada agradável.

A presente amostra, abordagem comparativa das duas traduções, confron-

tando-as como o original, embora limitada, revela aspectos interessantes. Demonstra, em primeiro lugar, a dificuldade de traduzir Juan Rulfo, mesmo ao português. Baste lembrar que até os hispano-falantes não-mexicanos precisam de glossários para compreender os regionalismos e ditados, abundantes na obra do escritor *jalisciense*. Daí o desafio com que se deparam os tradutores, que devem ser fieis *no con relación a la forma, sino en atención al sentido. Pero en Rulfo técnica y sentido están imbricados* (López Mena, o. c., pág. 8). Essa constatação é um chamado à tolerância em relação ao tradutor, mas não o isenta das críticas. Estas, no caso aqui analisado, são encaminhadas à tradução publicada pela Paz e Terra, não só pela falta de aprimoramento em relação ao formato, mas principalmente pelo descuido na própria tradução. A tradução patrocinada pela Record, talvez a primeira do século XXI de uma obra de Rulfo, pelo menos ao português, representa um avanço em mais de um aspecto. Contudo, fica ainda distante do ideal, segundo foi apontado. Talvez a próxima tradução de Juan Rulfo ao português brasileiro, levando em consideração os acertos e erros das precedentes, se aproxime um pouco mais da utopia da tradução perfeita.

Rafael Camorlinga

UFSC